

A AFIRMAÇÃO NO DIALETO DE FORTALEZA

João Bosco Figueiredo Gomes*

Resumo

Segundo Marcuschi(1991), as perguntas do tipo sim-não podem restringir as alternativas de respostas, mas não impedem respostas com variações notáveis. Este trabalho consiste num levantamento das respostas afirmativas e suas variações no falar do fortalezense. Os resultados empíricos evidenciam que a preferência é pelo uso do item lexical “ser”, seguido da repetição do verbo da pergunta, em vez do sim e de outros usos.

Palavras-chave: Par conversacional; Respostas afirmativas; Interação.

Abstract

According to Marcuschi(1991), yes-no questions may constrain alternatives of answers, but do not impede answers with notable variations. This work consists of a survey of affirmative responses and their variations in the spoken language of Fortaleza. The empirical results show that there is a preference for the use of the lexical item BE - “ser”, followed by the repetition of the verb in the question instead of yes and other uses.

Key words: Conversational pair; Affirmative responses; Interaction.

INTRODUÇÃO

A linguagem é de natureza essencialmente dialógica, ou seja, quando conversamos, fazemos perguntas e que-

remos respostas, ou fazemos asserções e esperamos réplicas. Assim sendo, a conversação, gênero básico da interação humana, consiste normalmente numa série de turnos alternados, que compõem sequências em movimentos coordenados e cooperativos (Marcuschi, 1989: p.306).

Uma das sequências conversacionais mais comuns é representada pelo par pergunta-resposta (P-R). Geralmente, na literatura sobre as P-R, distinguem-se dois grandes grupos de P(cf. Stubbs, 1983: p.105-46):

(a) do tipo sim-não:

(1) A: Vocês estão entendendo?”

B: *sim*,

C: não (+) explique novamente o...

e (b) sobre algo (realizam-se com os marcadores: quem?, qual?, como?, onde? etc.)

(2) A: Quem não está entendendo?”

B: eu,

C: só não entendi o que estou fazendo aqui,

Também é comum referir-se a elas como P fechadas versus P abertas. No nosso caso, interessa-nos apenas as primeiras que requerem confirmação ou aprovação, além de algumas asserções que requerem concordância.

Segundo Marcuschi (1991: p.37-8), as perguntas do tipo sim-não podem restringir as alternativas de R, mas não impedem R com variações notáveis; e ainda afirma que a preferência, nesses casos, é pelas formas elípticas, e, geralmente, não com um *sim* (nas R afirmativas, o que ocorre em outras línguas), mas repetindo o verbo ou algum elemento central.

(3) A: Você já leu algo sobre conversação?”

B: *li*”

C: *já*/

Diante desse argumento, decidimos verificar esse(s) uso(s), fazendo um levantamento das R afirmativas e suas

* Professor de Linguística da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

“variações” no falar do fortalezense, para subsidiar uma pesquisa mais específica sobre a R *ser* significando *sim*.

(4) *Contexto: falando sobre repreensões na escola*

DOC: Fez só anotar?

INF: *é*, ((=*sim*)) (S406-316-LFF¹)

Este trabalho compõe-se de mais três partes: na seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos do levantamento das R afirmativas; depois, investigamos as ocorrências das R afirmativas e suas “variações” no falar do fortalezense, detendo-nos mais às ocorrências da R *ser* significando *sim*. As conclusões são apresentadas na última parte.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 Amostra: A investigação sobre a resposta afirmativa (doravante RA) no dialeto de Fortaleza foi feita a partir da análise de ocorrências em oito diálogos entre informante e documentador do corpus “A linguagem falada em Fortaleza” - LFF (Aragão e Soares, 1996), com 480 minutos de fala de quatro estudantes do Ensino Fundamental (P) e quatro do Ensino Médio (S), de ambos os sexos, com faixa etária de 10 a 25 anos de idade.

1.2 Variáveis²: Procedemos a um levantamento de unidades que são apontadas, consensualmente ou não, como elementos de afirmação, por exemplo: a partícula de afirmação *sim*; a ocorrência de respostas com formas elípticas através da repetição de verbos ou de algum elemento central; alguns advérbios (como *justamente*, *exatamente*), interjeições (como *claro*, *então*), pronomes (como *isso*), sons não lexicalizados (como *mhm*, *ahã*), além de formas mistas (como *é isso aí*, *pois é*, *eu acho que sim*). Esse levantamento resultou num total bruto de 475 ocorrências.

Cada ocorrência de unidade de resposta afirmativa (doravante URA) foi analisada em relação a dezessete variáveis, que foram recortadas em seus respectivos traços potenciais, aos quais submetemos cada uma das 475 ocorrências levantadas:

a) Base Gramatical (*verbo, partícula de afirmação, frase, advérbio, interjeição, pronome, adjetivo, forma mista, não se aplica*)

b) Transparência Semântica (*totalmente transparente, parcialmente transparente, opaco, não se aplica*)

c) Tipo de Ocorrência (*simples, combinado*)

d) Posição (*único item, inicial seguido de item, inicial seguido de frase, antecedido de item, antecedido de frase*)

e) Organizadores Locais Conversacionais (*pausa, truncamento, alongamento da vogal, hesitação, sobreposição, não se aplica*)

- f) Entonação (*descida, subida leve*)
- g) Seqüência Anterior (*pergunta, pergunta com ser, BAD³ retórica, BAD retórica com ser, BAD não retórica, BAD não retórica com ser, asserção, asserção com ser*)
- h) Interação (*confirmação, confirmação-reiterativa, confirmação-enfática, aprovação, aprovação-reiterativa, anuência, anuência-reiterativa*)
- i) Tempo Verbal
- j) Tempo Verbal da Seqüência Anterior
- l) Número
- m) Número da Seqüência Anterior
- n) Pessoa
- o) Pessoa da Sequência Anterior
- p) Escolaridade (*Ensino Fundamental, Ensino Médio*)
- q) Idade (*10-13 anos, 14-17 anos, 18-20 anos, 21 anos...*)
- r) Sexo

1.3 Tratamento dos dados: Fizemos um cálculo de frequência de cada variável e, a partir desse resultado quantitativo, apresentamos uma análise qualitativa para entender os usos das RAs no falar do fortalezense. Foram testadas dezessete variáveis pela análise de variância (ANOVA) e pelo coeficiente de correlação de SPEARMAN, do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), a fim de verificarmos as variáveis estatisticamente relevantes. Das dezessete variáveis, apenas *os Organizadores Locais Conversacionais* e *Posição* não se mostraram estatisticamente significantes em relação às URAs, embora o cruzamento dessas três variáveis tenha sido significativo para as unidades *verbo* e *é*.

2 ANÁLISE DOS DADOS

Para facilitar a apresentação da análise dos dados, enquadrámos as vinte e cinco URAs, presentes na amostra estudada, em nove grupos (conforme quadro 1).

Quadro 1 - Frequência das URAS por grupo.

Grupo	Ocorrências das URAS
I	<i>é</i> (36,6%); <i>foi</i> (8,2%); <i>era</i> (1,1%); <i>pois é</i> (1,1%); <i>é isso aí</i> (0,2%); <i>parece que foi</i> (0,2%).
II	<i>verbo</i> (26,3%); <i>eu acho que + verbo</i> (0,6%).
III	<i>sim</i> (5,5%); <i>eu acho que + sim</i> (1,5%); <i>verbo + sim</i> (0,2%).
IV	<i>mhm mhm</i> (5,5%); <i>mhm</i> (1,3%); <i>ahã</i> (0,2%).
V	<i>já</i> (3,4%); <i>justamente</i> (2,9%); <i>exatamente</i> (0,4%); <i>certo</i> (0,2%).
VI	<i>tá</i> (1,3%); <i>tô</i> (0,2%); <i>tava</i> (0,2%).
VII	<i>elemento central</i> (1,7%).
VIII	<i>claro</i> (0,6%); <i>então</i> (0,4%).
IX	<i>isso</i> (0,2%).

¹ Os exemplos citados foram codificados da seguinte maneira: a letra se refere à escolaridade do informante: os três primeiros números, à linha do corpus escrito e os outros três, à ocorrência; a sigla se refere ao corpus “A língua falada em Fortaleza”, de Aragão e Soares (1996).

² Para a descrição das variáveis, tomamos o texto de Rizzo, Silva e Urbano (1996) como referência.

³ BAD - Busca de Aprovação Discursiva, expressão de W. Settekorn (1977, apud Marcuschi, 1989).

Nestes grupos, apresentamos a frequência de cada unidade e, logo a seguir, descrevemos, por falta de espaço, apenas os traços mais regulares das unidades de maior ocorrência.

Para a descrição, convencionamos a função de cada unidade, segundo a variável *interação*, posto que, no diálogo, a ação afirmativa do ouvinte é um retorno cooperativo, uma retroalimentação, à ação do outro sujeito que o instigou a tal ação. Então, extraímos a seguinte tipologia:

a) *Confirmação* (18,2%)

A confirmação realiza-se nas seqüências do par *pergunta-resposta* (P-R). É uma P fechada do tipo sim-não. Nesse caso, a preferência é pelas R elípticas. Na nossa amostra, a RA ocorreu mais, não com um sim, mas com o *ser* (10,5%)⁶, substituindo-o ou o verbo ou algum elemento central. Vejamos o exemplo que segue:

(05) - *Contexto: falando sobre um assalto - perigo de vida*
DOC: Ah! Quer dizer que eles renderam o seu pai?
INF: é, dentro do o (+) jipe,
(P351-073-LFF)

O *ser*, no caso, caracteriza-se por dar uma R afirmativa a uma P feita pelo interlocutor. No grupo I, ele apareceu como *é* (8,0%), *foi* (2,1%), *era* (0,2%) e *parece que foi* (0,2%). As três primeiras unidades apareceram como único item (6,3%), seguido de frase (3,8%) ou de item (0,2%). Quanto às propriedades gramaticais, ocorreram na 3ª. pessoa singular, o *foi* e o *era* variaram, em sua maioria, dependendo do tempo da seqüência anterior: no perfeito (1,5%) e no imperfeito (0,2%). No exemplo (05), isso já não acontece. O ouvinte não considerou a seqüência anterior, usando apenas o *é*, quando o esperado, em sua forma vicária, seria *foi* (que também não apareceu em 0,6% das ocorrências). Com base nisso, registramos o *ser* como opaco (5,2%), também na ocorrência com modalizador *parece que foi*, e, quando concordava com a seqüência anterior, parcialmente transparente (5,3%), pois, no caso, o *ser* flexionava-se como verbo, mas funcionava como RA. A maioria das ocorrências apresentou a entonação descendente, propiciando mudança de turno (único item) ou uma maneira de separar sua confirmação do argumento acrescentado a ela (seguido de item ou frase - com pausa (0,6%)); e apenas 0,9% apresentaram uma subida leve, enfatizando mais sua confirmação (algumas com alongamento de vogal (0,6%) e/ou marcadores discursivo de ênfase).

No grupo III (3,6%), a partícula de afirmação *sim* ocorreu em 2,3% das R e apareceu combinada em *eu acho que sim* (1,1%) e *verbo + sim* (0,2%). Quase com o mesmo

número de ocorrência (3,1%), temos o grupo IV, com as formas não lexicalizadas *mhm mhm* (2,3%), *mhm* (0,8%) e *ahã* (0,2%). Com frequência menor, temos o grupo V, com os advérbios parcialmente transparentes, funcionando como URAs: *já* (0,2%) e *justamente* (0,4%). No grupo VIII, a URA *claro* apareceu em 0,2% das ocorrências.

b) *Confirmação-Reiterativa* (37,1%)

Como o tipo anterior, a *Confirmação-Reiterativa* realiza-se também nas seqüências do par P-R, particularizando-se, apenas, por haver na troca do turno a repetição de algum elemento da seqüência anterior visando a uma RA. Dentre os sete tipos da ação afirmativa do ouvinte, este apresentou maior ocorrência e, dentro deste tipo, a preferência foi pela repetição do *verbo*⁷ (24,3%). Vejamos o exemplo:

(6) *Contexto: falando sobre a mãe, doente dos rins.*

DOC: Aí ela foi operada?

INF: foi,

DOC: E ainda continua com o problema?

INF: continua, ela foi operada do dois lados, (+)
mas até agora num houve jeito não,

(P263-245-LFF)

A repetição do *verbo* da seqüência anterior ocorreu também combinada em *eu acho que verbo* (0,6%) dos pares conversacionais. Tanto a forma simples quanto a combinada apresentaram-se flexionadas em tempo, número e pessoa, portanto totalmente transparente, de modo a confirmar a P do ouvinte. Apareceu como único item (14%), seguido de item (1%) ou de frase (9,3%), como no segundo par do exemplo (6), com entonação descendente (20,8%) e subida leve (3,5%), utilizando como organizadores locais a pausa (2,1%), o alongamento da vogal (0,4%), a hesitação (0,2%) e sobreposição (0,2%).

No grupo I, o *ser* apareceu com 7,1% de ocorrências, sendo 4,8% com a forma *é*, 2,1% com *foi* e 0,2% com *era*. Estas formas flexionaram-se de acordo com os verbos da seqüência anterior de modo a responder a pergunta, com exceção de 0,4% da forma *é* semanticamente opaca.

As demais URAs ocorreram com menor frequência: *já* (2,7%), a repetição do *elemento central* (1%), do *sim* (0,8% - simples e combinado) e do grupo VI (0,6%), que repetia na resposta o “verbo” *estar* nas formas *tá* (0,2%), *tô* (0,2%) e *tava* (0,2%). Estas formas se flexionaram, mas as consideramos parcialmente transparentes por se apresentarem com perda fonológica.

c) *Confirmação-Enfática* (0,2%)

⁶ A frequência das URAs, bem como dos itens classificatórios de cada variável, refere-se à percentagem de cada tipo.

⁷ Na repetição de verbo, computamos as repetições de *ser* separadamente.

Especificamos também a Confirmação-Enfática por realizar-se nas seqüências do par P-R e por ser dada a ênfase através da elevação do tom da voz. Podemos observá-la no exemplo (7), em que o informante confirma o casamento com *claro* (0,2%), mas rejeita a pretendente.

(7) *Contexto: falando sobre a novela "Roda de fogo"*
DOC: Você acha que ele deve casar com a Carina?
INF: CLARo, mas com a Carina' não, ele deve casar com a Luzia, que ele deve é a Luzia' num é a Carina,
(P091-288-LFF)

d) *Aprovação* (16,4%)

A aprovação realiza-se nas seqüências do par *busca de aprovação discursiva-aprovação*. Ocorre em subsequência, imediata a unidade BAD (busca de aprovação discursiva) *né?* ou variantes, terminando o turno anterior. A função da aprovação é preencher, reforçar ou complementar com uma RA a primeira seqüência, oferecendo um *feedback* ao interlocutor, de maneira a orientá-lo e monitorá-lo quanto à recepção. Vejamos os exemplos:

(08) *Contexto: falando sobre a família*
DOC: Só? Ah bom! Norma, tu és filha... bem dizer, filha única, né?
Nasceu agora, né?
INF: foi,
(P242-027-LFF)

(09) *Contexto: falando sobre lazer*
DOC: Ah! Você tem vergonha. ((risos)) Mas rapaz! Agora, eu você vai me falar um pouco sobre... Você disse que gosta muito de jogar, né?
INF: é,
(P023-003-LFF)

Na amostra, o *ser* teve a maior ocorrência no tipo aprovação com 11,3%. Apareceu como *é* (10,5%), *foi* (0,6%) e *é isso aí* (0,2%). As duas primeiras unidades apareceram como único item (8,6%) ou seguido de frase (2,5%), 3^a. pessoa singular do presente do indicativo (10,5%) em resposta a 3,7% de BAD retórica e 7,2% de BAD não retórica, e no perfeito (0,6%) em resposta 0,6% de BAD não retórica. Este último variou dependendo do tempo da seqüência anterior, como no exemplo (08), não sendo contaminado (possivelmente) pela partícula *né?~ não é?* (presente), como aconteceu em (09). A opacidade semântica ocorreu em 4,8% da aprovação com *ser*. 10,5% das ocorrências apresentaram a entonação descendente, às vezes com sobreposição de vozes (0,4%), para sustentar ou finalizar ou mesmo para mudar o turno do falante; e apenas 0,6% apresentaram uma subida leve, geralmente seguida

de frase, de modo a apresentar seu endosso com uma informação complementar. A forma fixa *é isso aí* apareceu como resposta a BAD não retórica.

Como aprovação, tivemos também a ocorrência do grupo IV: *mhm mhm* (1,9%) e *mhm* (0,2%); seguido do grupo V: *justamente* (1,5%) e *certo* (0,2%); do grupo III: *sim* (1,1%); e do grupo VI: *tá* (0,2%).

e) *Aprovação-Reiterativa* (5,9%)

Classificamos este outro tipo de aprovação como *Reiterativa* por realizar-se no par conversacional que envolve um falante que busca apoio discursivo, utilizando a partícula *né* e variantes, e o ouvinte o responde repetindo o verbo da seqüência do interlocutor. Vejamos o exemplo:

(10) *Contexto: falando sobre entretenimentos*
DOC: Bom Eliane você falou que tinha assistido uma peça de teatro. Que essa foi a primeira vez e a sua impressão foi maravilhosa, não é?
INF: foi,
(S006-394-LFF)

A preferência da aprovação-reiterativa foi com uso do *ser*, nas formas *é* (4,2%), *foi* (1,3%) e *pois é* (0,2%) que ocorreu como único item (3,8%), ou seguido de frase (2,1%) ou antecedido de item (0,2%), respondendo a perguntas com BAD retórica com *ser* (0,8%) e as demais com BAD não retórica com *ser*.

Depois, tivemos, na aprovação-reiterativa, apenas 0,2% das ocorrências de repetição do *verbo*.

f) *Anuência* (15,1%)

A *anuência* se realiza nas seqüências do par *asserção-anuência*. Ocorre na subsequência de uma asserção feita pelo falante em que o ouvinte manifesta sua concordância, de modo a dar continuidade ao evento conversacional, em sua maioria somente para continuar o discurso. Por exemplo:

(11) - *Contexto: falando sobre um assalto - perigo de vida*
DOC: E o rapaz do fusca foi que disse para...
[
INF: avisou pra o meu avô, meu pai,
DOC: Mhm. Ah! Ele tava esperando.
INF: é,
(P363-197-LFF)

Na amostra, o *ser* apareceu com maior ocorrência neste tipo com 9,2%: *é* (6,3%), *foi* (1,9%), *era* (0,4%) e *pois é* (0,6%). Aparecem como único item (5,2%) ou seguido de frase (3,9%). O falante não teve a preocupação com as propriedades gramaticais em 3,7% das ocorrências,

tornando o *ser* opaco. A maioria das ocorrências apresentou entonação descendente (7,8%), às vezes com sobreposição de vozes (0,6%) no uso da forma *é*, para demonstrar sua concordância; e apenas 1,4% apresentaram subida leve. Devemos ressaltar o uso (0,6%) da forma *pois é*, que, apesar de fixa, sugere uma anuência que cognitivamente justifica a asserção anterior.

Para a anuência, também foram usadas as unidades do grupo III: *sim* (1,5%), do grupo IV: *mhm mhm* (1,3%) e *mhm* (0,2%) e do grupo V: *justamente* (1,1%) e *exatamente* (0,4%), todos esses grupos com igual frequência de 1,5%. Com frequência menor, houve os usos de *tá* (0,6%), *então* (0,4%), *claro* (0,2%) e *isso* (0,2%).

g) *Anuência-Reiterativa* (6,1%)

Particularizamos a anuência em reiterativa para cobrir o processo de quando o falante faz uma asserção e o ouvinte manifesta sua concordância, repetindo o verbo ou os elementos citados por seu interlocutor, de modo a dar continuidade ao evento conversacional. Vejamos o exemplo (12) com o *ser* que teve 3,1% de ocorrências:

(12) *Contexto: falando sobre o governador eleito*

DOC: Foi o único que conseguiu botar os coronéis pra trás.

[

INF: foi,

DOC: E sobre os coronéis,

(S393-348-LFF)

Também neste tipo, o grupo I teve maior ocorrência: *é* (2,5%), *foi* (0,2%), *era* (0,2%) e *pois é* (0,2%). Foi usado como único item (1%), inicial seguido de item (0,6%) e seguido de frase (1,5%); estes dois últimos tinham a função de argumentar a anuência do ouvinte à asserção do interlocutor. Quanto à transparência semântica, só tivemos 0,4% de unidades opacas: 0,2%, em que o *é* foi usado em retorno à sequência anterior com o *ser* no imperfeito; e 0,2% de ocorrência da forma fixa *pois é*. Como no exemplo (12), houve a ocorrência de 0,4% de sobreposição, de modo a encorajar o interlocutor, com sua anuência, a dar continuidade do turno.

As demais unidades de anuência-reiterativa, com menor frequência, ocorreram com a repetição, na subseqüência do par conversacional, de: *verbo* (1,6%), *elemento central* (0,6%), *já* (0,4%), *sim* (0,2%) e *tá* (0,2%).

Para a análise das variáveis socioculturais (p, q e r), valemo-nos da frequência de uso de cada URA, segundo o sexo, a escolaridade e a idade (tabela 1).

Tabela1 - URAs x Aspecto Socioculturais (%).

Aspectos Socioculturais		Sexo			Escolaridade			Idade				
Unidades		H	M	Total	P	S	Total	I	II	III	IV	Total
I	É	18,5	18,1	36,6	23,5	13,1	36,6	13,9	9,7	4,2	4,9	36,6
	Foi	3,4	4,8	8,2	5,0	3,2	8,2	2,5	2,5	0,4	2,7	8,2
	Era	0,8	0,2	1,1	0,8	0,2	1,1	0,8	-	-	0,2	1,1
	Pois é	0,8	0,2	1,1	0,6	0,4	1,1	-	0,2	0,4	0,4	1,1
	É isso aí	-	0,2	0,2	0,2	-	0,2	-	-	0,2	-	0,2
	Parece que foi	-	0,2	0,2	-	0,2	0,2	-	0,2	-	-	0,2
II	Verbo	10,3	16,0	26,3	17,7	8,6	26,3	12,6	5,1	4,2	4,4	26,3
	Eu acho que verbo	-	0,6	0,6	0,4	0,2	0,6	0,2	0,2	-	0,2	0,6
III	Sim	3,4	2,1	5,5	2,9	2,5	5,5	1,3	1,7	0,4	2,1	5,5
	Eu acho que sim	0,2	1,3	1,5	-	1,5	1,5	-	-	0,2	1,3	1,5
	Verbo + sim	-	0,2	0,2	0,2	-	0,2	0,2	-	-	-	0,2
IV	Mhm mhm	5,5	-	5,5	-	5,5	5,5	-	-	5,5	-	5,5
	Mhm	1,1	0,2	1,3	0,2	1,1	1,3	-	0,2	0,6	0,4	1,3
	Ahã	0,2	-	0,2	0,2	-	0,2	-	0,2	-	-	0,2
V	Já	1,3	2,1	3,4	2,3	1,1	3,4	0,8	1,5	0,4	0,6	3,4
	Justamente	2,9	-	2,9	-	2,9	2,9	-	-	-	2,9	2,9
	Exatamente	0,4	-	0,4	-	0,4	0,4	-	-	0,4	-	0,4
	Certo	0,2	-	0,2	-	0,2	0,2	-	-	-	0,2	0,2
VI	Ta	0,2	1,1	1,3	0,4	0,8	1,3	0,4	-	-	0,8	1,3
	To	0,2	-	0,2	0,2	-	0,2	0,2	-	-	-	0,2
	Tava	0,2	-	0,2	0,2	-	0,2	0,2	-	-	-	0,2
VII	Elemento central	0,4	1,3	1,7	1,3	0,4	1,7	1,1	0,2	0,2	0,2	1,7
VIII	Claro	0,2	0,4	0,6	0,2	0,4	0,6	-	0,2	0,4	-	0,6
	Então	0,4	-	0,4	0,2	0,2	0,4	-	0,2	-	0,2	0,4
IX	Isso	0,2	0,4	0,2	-	0,2	0,2	-	-	-	0,2	0,2
Total		50,9	49,1	100	56,8	43,2	100	34,5	22,3	16,2	26,9	100

Na variável sexo, verificamos que os homens usam com maior frequência as unidades: *é, era, pois é, sim*; e as mulheres usam mais as unidades: *foi, verbo, eu acho que sim, já, tá, elemento central e claro*. Na amostra estudada, pudemos também observar que somente os homens usam as unidades: *mhm mhm, justamente, exatamente, certo, tô, tava, então e isso*; e somente as mulheres usam: *é isso aí, parece que foi, eu acho que + verbo e verbo + sim*.

Quanto à escolaridade, os informantes do 1º. grau (P) usaram com maior frequência as seguintes URAs: *é, foi, era, pois é, verbo, eu acho que + verbo, sim, mhm, já e elemento central*; e os do 2º. grau (S) usaram mais as unidades: *tá e claro*. A preferência exclusiva dos informantes do 1º. grau residiu no uso de: *é isso aí, verbo + sim, ahã, tô e tava*; já os do 2º. grau preferiram as unidades: *parece que foi, eu acho que sim, mhm mhm, justamente, exatamente, certo e isso*.

Em termos de frequência de uso das URAs segundo a faixa etária, houve maior ocorrência: na faixa I: *é, era, verbo e elemento central*; na faixa II: *sim e já*; na faixa III: *mhm e claro*; e na faixa IV: *foi e eu acho que sim*. O uso exclusivo das unidades por faixa etária foi o seguinte: na faixa I: *verbo + sim, tô e tava*; na faixa II: *parece que foi e ahã*; na faixa III: *é isso aí, mhm mhm e exatamente*; e na faixa IV: *justamente, certo e isso*.

3 CONCLUSÃO

As constatações decorrentes da análise de dados e das frequências das URAs permitem-nos concluir que:

a) Os dados vêm corroborar parcialmente a afirmação de Marcuschi (1991, p. 37-8) de que, nas perguntas do tipo sim-não, “a preferência é pelas R elípticas e, no geral, não com um sim, no caso das R afirmativas, mas *repetindo o verbo ou algum elemento central qualquer*”⁸. Na amostra estudada, se observarmos apenas o tipo Confirmação-Reiterativa (P-R), podemos confirmar que o fortalezense prefere, nas RAs, repetir o *verbo* em 24,3% (+6,7% do uso do *ser* flexionado) das ocorrências a usar o *sim* (0,8%); muito embora no tipo Confirmação (P-R) ocorreu mais a RA, não com o *sim* (3,6%), mas com o *ser* (10,5%).

b) Caso estendêssemos a hipótese de Marcuschi (1991) aos pares conversacionais que requerem URAs nos sete tipos sugeridos neste artigo, os dados resultantes do estudo das

URAs no dialeto de Fortaleza viriam também corroborar apenas em parte essa hipótese, pois a preferência é pelas R elípticas, não com o *sim* (7,2%), mas com o *ser* (46,9%), ficando a repetição do *verbo* em segunda posição com 26,9% das ocorrências. Quanto aos *elementos centrais*, ao verificarmos os tipos reiterativos, sem incluir as URAs já citadas, constatamos que a repetição apareceu apenas em

6,5% das ocorrências, concorrendo com outras URAs, eg. as do grupo IV com 7% das ocorrências. Baseados nestes dados, sugerimos que a hipótese de Marcuschi (1991) seja reformulada para também dar conta das URAs no dialeto Fortalezense que envolvem os pares conversacionais “*pergunta*” com *BAD-aprovação e asserção-anuência*, além dos casos do tipo confirmação em que há a preferência pelo *ser*.

c) O item lexical *ser* como URA teve maior ocorrência, com 46,9%, se compararmos com as outras unidades isoladas. Ele apareceu na segunda seqüência do par conversacional, reunindo em si próprio um conteúdo cognitivo e servindo juntamente com a primeira para a organização local da conversação. Como URA, o *ser* só se dá em contextos interacionais e há uma tendência à forma fixa é (14,5%), não importando a exigência gramatical da primeira seqüência para a resposta.

d) Apesar da sutil diferença entre os tipos *confirmação, confirmação-reiterativa, confirmação-enfática, aprovação, aprovação-reiterativa, anuência, anuência-reiterativa*, a tipologia extraída do comportamento das URAs abre-nos um espaço para a funcionalidade da interação no discurso.

e) Com base nos itens anteriores e no comportamento das demais URAs que têm como base gramatical (fonte) verbo, advérbio, adjetivo, conjunção etc., pudemos observar que esses elementos estão perdendo suas restrições gramaticais e assumindo restrições de caráter mais pragmático e interativo.

f) De acordo com os dados socioculturais, pudemos observar que o uso do *ser* (é, foi e era) se dá com maior frequência, principalmente, nas faixas etárias I e II e, por extensão, no Ensino Fundamental. Isso leva a fazer a hipótese de que estamos lidando com um uso novo, que deve ser investigado em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, M. S. e M. E. SOARES. (orgs.) *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa-UFC, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

RISSO, M. S., G. M. O. SILVA e H. URBANO. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

STUBBS, M. *Discourse analysis*. The Sociolinguistic Analysis of Natural Language. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

⁸ Grifo nosso.